

OS DESAFIOS DA GESTÃO FRENTE À PROBLEMÁTICA DA VIOLÊNCIA ESCOLAR: A FUNÇÃO DO EDUCADOR NA TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

Gracielli da Cruz Silveira Rocha; Pâmela Suelli da Motta Esteves.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro – graciellics@id.uff.br; pamella_pan@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo é um recorte de um trabalho de conclusão do curso de Pós-Graduação – *Latu Senso* que apresenta um estudo de campo de caráter qualitativo acerca da violência e dos desafios da gestão escolar em lidar com esse tema que se faz cada vez mais rotineiro nas escolas. Teve como principal objetivo discutir as práticas dos gestores escolares a respeito da relação gestão escolar e violência. O estudo foi realizado em uma escola pública de Ensino Fundamental I do município de São Gonçalo/RJ. Buscamos caracterizar os conceitos de violência, analisar os comportamentos dos alunos apontados como violentos, investigar a frequência de comportamentos considerados impróprios no cotidiano da escola, mapear esses tipos de comportamentos para compreender a violência escolar e aferir a ação dos gestores frente aos comportamentos considerados violentos. Como procedimentos metodológicos, além da revisão bibliográfica, foram realizadas observações do cotidiano escolar, análise do “Livro de ocorrências do aluno” no ano letivo de 2016 e entrevistas semiestruturadas com a equipe gestora da escola. O desfecho da pesquisa nos mostra o quanto os alunos carregam a violência de fora para dentro da escola; o quanto esse mal está sendo vivenciado de forma banalizada; a relação visceral entre as incivildades e o abandono, o desinteresse, a negligência e a desestrutura familiar e a importância em ter a família como parceira da escola para que a criança tenha um desenvolvimento integral. Constatamos que antes de adotar qualquer providência frente aos conflitos, a gestão usa o diálogo para media-los, como propõe Freire que o diálogo seja uma “exigência existencial” e que a escola tenha uma educação baseada na dialogicidade como prática da liberdade. A pesquisa também aponta alguns meios que a escola faz e/ou deveria fazer para combater a violência que tem a comunidade como seu habitat.

Palavras-chave: Violência escolar, transformação social, gestão democrática.

1. INTRODUÇÃO

O problema da violência na escola tem sido um dos grandes desafios diários para equipes gestoras e demais profissionais da educação. Esse fenômeno tem crescido nos últimos anos e se tornado uma realidade que vem desafiando os educadores.

Pode-se encontrar a violência em qualquer pessoa e em qualquer lugar – na rua, no convívio familiar, no ambiente profissional, no grupo religioso. E não se trata de um fenômeno contemporâneo, pois há relatos de como o homem usava a sua força para dominar o outro desde a origem da humanidade. A violência faz parte tanto da vida social quanto do cotidiano escolar.

A questão da violência escolar tem provocado algumas reflexões acerca do papel da gestão e do educador em geral. A partir de Crochík (2009), constata-se que Adorno defende a educação como o elemento fundamental para combater a violência, pois é a fonte formadora de indivíduos democráticos. Sendo assim, há uma dificuldade na formação de indivíduos pensantes e críticos que auxiliariam o fim da violência simbólica, que tem como base a manutenção da sociedade de classes da luta entre dominantes e dominados.

Estamos vivendo em um novo século com um quadro bastante diversificado e complexo. Como educar num contexto de violência, corrupção, falta de ética, falta de valores ou novos significados dados a estes? Será possível “estancar a hemorragia da violência” (CURY, 2016)? Como podemos fazer a diferença e educar para a transformação do cidadão pleno?

Observando não só a direção, mas a equipe gestora da Escola Municipal Professora Ruth Rocha¹, em São Gonçalo/ RJ e seu importante papel diante de desvios comportamentais possibilitaram a reflexão sobre esse tema. Assim, surge o desejo de discutir as percepções dos gestores escolares a respeito da relação gestão e violência, dialogando com importantes estudiosos sobre o tema.

Este artigo busca contribuir para o conhecimento mais detalhado sobre esse tema ainda polêmico e multifacetado, uma vez que busca proporcionar aos educadores uma reflexão de que a escola vai além do reproduzir conteúdos, cumprir prazos, aplicar o currículo e preencher diários. Cada educador deve ter o entendimento de que a escola é fundamental para “gerar uma humanidade mais saudável” (CURY, 2003), para o pleno desenvolvimento do indivíduo, estimulando habilidades intelectuais, sociais e avaliação crítica dos conhecimentos adquiridos. O educador não deve estar qualificado apenas em teorias ou metodologias, mas é imprescindível que compreenda a totalidade do fazer educativo. Para isso, deve buscar uma contínua formação, para impulsionar os alunos na transformação do mundo opressor.

Estamos vivendo em uma Era em que a violência, em nível geral, tem se dado de forma crescente no decorrer dos anos. Entender o porquê não é fácil, mas podemos transformar aqueles que passam por nós, dando uma educação plena e de qualidade, formando sujeitos autônomos, críticos e conscientes do processo formativo.

2. METODOLOGIA

¹ Nome fictício para preservação do anonimato e a ética da pesquisa

Para este estudo de campo, realizamos a metodologia qualitativa, buscando compreender a questão da violência no contexto escolar, com base na coleta de dados, utilizando-se dos seguintes instrumentos: observação do cotidiano escolar, tendo as anotações como forma de armazenamento das informações colhidas; análise documental e entrevistas semiestruturadas com os sujeitos envolvidos no processo da gestão escolar, que é composta de uma diretora, um orientador educacional e uma orientadora pedagógica.

Também foi feita uma análise do “Livro de ocorrências do aluno”, no período entre 15 de fevereiro a 16 de dezembro de 2016. Essa análise buscou caracterizar os tipos de violência praticada entre alunos, registrados nos dois turnos de funcionamento da escola. Outro ponto analisado foi o tipo de providências tomadas pela equipe gestora diante das ocorrências.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa foi realizada em uma escola pública localizada em um distrito do município de São Gonçalo que possui cerca de 160.000 habitantes e está situado na região sul do Estado do Rio de Janeiro. Esta escola foi a primeira escola do bairro, inaugurada no ano de 1979 e construída a partir da doação de uma parte do terreno de uma fazenda da localidade, recebendo o mesmo nome desta em sua homenagem. Deste então, passou por quatro direções até chegar na atual gestão.

A escola funciona com o Ensino Fundamental I e atende a 273 alunos divididos em 12 turmas, seis no turno da tarde e seis no turno da manhã. Sua estrutura física conta com uma secretaria, uma sala da direção, uma cozinha, um refeitório, dois banheiros (um para menino e um para menina), sala dos professores (com banheiro), seis salas de aula, minibiblioteca improvisada, quadra de esportes e amplo pátio.

Quanto ao corpo docente, a escola é constituída por 15 professoras (12 professoras de turma, uma professora de apoio, uma da sala de recursos e uma de educação física), todos efetivos. A gestão é composta por uma diretora (professora regente nesta escola desde 1996), uma orientadora pedagógica (na escola desde 2016 e também atua como professora regente em outra escola) e um orientador educacional (na escola desde 2006 e também atua como professor de história). A escola conta ainda com três funcionários administrativos, um inspetor, um porteiro, duas cozinheiras e duas auxiliares de serviços gerais.

Os alunos que frequentam a escola são moradores do bairro ou dos bairros

adjacentes, onde apresentam um alto índice de violência e condições de moradia e saneamento básico precárias. Segundo a gestão da escola e também através de minha experiência como professora da mesma, foi possível observar e confirmar que muitos deles são filhos de pais usuários de drogas, alcoólatras, traficantes, com passagem na polícia, que estão alheios à história que os filhos estão escrevendo.

Aqueles que abandonaram sua família, que desvalorizam a educação, a escola tenta trazer para perto com festividades, apresentações preparadas pelos alunos e professores, nem mesmo assim, na maioria dos casos, não tem sucesso. Envio de bilhetes, recados, marcação de reuniões, e nenhum êxito.

Para iniciar a pesquisa foi realizado um estudo detalhado do Livro de Ocorrências do Aluno do ano letivo de 2016. Foram quantificados os diferentes tipos de violências registradas, assim como as providências adotadas, como examinaremos nos quadros abaixo. Seguidamente analisaremos como a violência pode estar intrínseca à falta de estrutura familiar e a desvalorização da educação.

<i>Situações de violências registradas</i>	<i>Quantidade</i>
Agressões físicas	68
Agressões verbais	10
Gestos ofensivos	7
Intimidação sexual	3
Depredações	2
Ameaças de agressão física	2

Tabela 1

<i>Registro de providências tomadas</i>	<i>Quantidade</i>
Diálogo com os alunos envolvidos	30
Suspensão das aulas	21
Nenhuma providência registrada	18
Diálogo com os responsáveis	16
Atendimento com primeiros socorros	3
Suspensão de recreio e/ou Educação Física	2
Transferência de turno	1
Expulsão da escola	1

Tabela 2

A partir do estudo metuculoso desses dados foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a equipe gestora da escola. Agora dialogaremos com importantes teóricos sobre os eixos da pesquisa, que foram divididos em categorias para melhor compreensão.

3.1 Violência no cotidiano escolar e Abandono familiar

Segundo a gestão da escola, a violência tem se dado de forma tão crescente nos últimos anos devido à desvalorização da educação, citando o descaso do governo e, principalmente, dando ênfase à desestrutura familiar. Em relação ao governo, pois este deve ser “capaz de controlar eficazmente o funcionamento do conjunto das instituições” (PERALVA, 2000 apud ABRAMOVAY, 2006, p. 61). E à desestrutura familiar, de acordo com Abramovay (2005 apud SANTOS), as atitudes incivilizadas dos alunos estão conectadas à escassez da educação familiar, também chamada de educação doméstica, pois não assimilaram as regras básicas de convivência em sociedade, estando diretamente ligada à deficiência dos padrões culturais básicos iniciados na família, sendo esta a primeira agente de socialização.

A gestão da escola pesquisada, assim como Abramovay (2002), acredita que a violência da sociedade faça parte do cotidiano escolar, sendo um reflexo do meio em que habita. A final, a escola é parte da sociedade e as crianças são membros da mesma, fazendo com que tudo que se passa na sociedade reflita na escola.

A escola é como um espelho e reflete o que tem de positivo e negativo na sociedade. A mesma deve enfrentar e conduzir seus conflitos, formando o aluno de forma democrática, oferecendo possibilidades de criar sua própria construção do conhecimento, com o compromisso na garantia de uma educação de qualidade para a formação do cidadão.

Muito foi enfatizado nas entrevistas o desinteresse das famílias em relação à educação de seus filhos, tanto a educação doméstica quando a escolar. Inclusive com questões ligadas à saúde da criança os pais têm negligenciado, prejudicando, assim, seu desenvolvimento. Um completo abandono que os educadores entrevistados estabelecem relação à violência escolar.

A presença dos pais na vida dos filhos é de total importância para que se tenha um desenvolvimento saudável, pois o abandono, segundo Krieger e Kasper (2015) pode gerar imensos prejuízos de ordem imaterial para o desenvolvimento da criança, afetando sua integridade psíquica e a formação de sua personalidade.

De acordo com Tiba (2011), pesquisas indicam que 80% do desenvolvimento das crianças na escola obtêm sucesso quando os pais acompanham o estudo dos filhos. Diariamente a escola é desafiada em tentar fazer da família uma aliada. Em alguns casos de indisciplina é necessário aplicar uma advertência que seja preciso o comparecimento do

responsável para a entrada do aluno na escola. Neste momento “forçado”, a escola consegue uma interação com a família. Portanto, ainda há casos que não obtêm sucesso.

3.2 Violência simbólica e Violência estrutural

A violência simbólica, segundo Bourdieu (1994), também é conhecida como violência velada, pois oferece condições para se iniciar um processo de dominação simbólica, transfigurando a violência, fazendo com que pareça natural às representações ou ideias sociais dominantes.

Para Miranda (2005) essa violência é fundamentada na montagem contínua de crenças que convence o indivíduo a se posicionar no espaço social seguindo o discurso dominante. Esse tipo de violência se manifesta através da legitimação desse discurso dominante e pode ocorrer sem necessariamente apelar para a agressão física.

A violência simbólica traz a noção de que um domina o outro de forma silenciosa. Segundo Bourdieu (1989), o reconhecimento da legitimidade dos valores produzidos e administrados pela classe dominante implica o “desconhecimento” social do espaço, travando, simbolicamente, a luta de classes.

A equipe gestora da escola aponta um tipo de violência simbólica praticado pelo governo que acredita estar atrelada ao crescimento da violência no decorrer dos anos: *“Esse descaso do governo com a educação acaba refletindo na sociedade como um todo. A desvalorização da educação acabou se tornando um problema social, porque sua falta acaba causando deficiência na cidadania”*.

Já a violência estrutural, conforme Minayo (1990), é apontada como “aquela que nasce no próprio sistema social, criando as desigualdades e suas consequências, como a fome, o desemprego, e todos os problemas sociais com que convive a classe trabalhadora” (p. 290). É caracterizada pelo destaque às condições de sobrevivência excessivamente injustas destinadas à parte da sociedade menos favorecida.

Ao investigar os casos registrados no Livro de Ocorrências, percebe-se alguns casos de violência estrutural que eram evidenciados no ambiente escolar. Uma violência de fora da escola que entra e acaba se transformando em violência escolar.

Três irmãos, envolvidos no tráfico, foi tirado da mãe pelo pai e matriculado nesta escola. Um deles, foi suspenso por dois dias por agredir fisicamente um colega. Antes de adotar essa decisão, a gestão relata que foram realizadas reuniões privadas e com

responsáveis, além de atividades de conscientização coletiva com a classe.

Ainda na entrevista com a gestão temos mais um exemplo desse tipo de violência. Como um reflexo da violência sofrida fora dos muros da escola, crianças, filhos de pais usuários de drogas, de álcool, que chegam alcoolizadas na escola. Há um aumento desenfreado da violência e nossas crianças estão sofrendo esse tipo de crueldade, que acaba sendo encarada como natural – banalização da violência.

Ouvimos relatos em que pudemos perceber como a violência já está ocupando o espaço da normalidade na criança. Quando uma criança tenta furar o olho de outra e age com naturalidade, afirmando sua “vocação” para bandidagem como seu pai, o que fazer?

Nessa hora o educador deve entrar em a o e vivenciar “uma pedagogia de indigna o e não de resigna o” (FREIRE, 2000), para formarmos cidadãos que se indignam diante de qualquer forma de violência e não que sejam indiferentes, insensíveis a ela.

Um caso de banaliza o da violência, nesse caso específico da violência sexual, p de ser observado na pesquisa. Dentre os sete casos de agressão física registrados, este mesmo aluno passou a mão nas nádegas de uma colega. Ao ser convocado para uma reunião escolar, o pai revela o quanto se tornou um “ser supérfluo” (SOUKI 2006 apud ESTEVES, 2015) e o quanto a violência sexual   banalizada, ao afirmar a masculinidade do filho, dando-o direito em agir dessa forma.

3.3 Procedimentos praticados pela gestão para media o dos conflitos

A media o representa um instrumento de soluço de conflitos, no qual o mediador age a fim de revolver uma desavença. A esse respeito, Sales (2007) conceitua como “um procedimento consensual de soluço de conflitos por meio do qual uma terceira pessoa imparcial – escolhida ou aceita pelas partes – age no sentido de encorajar e facilitar a resolu o de uma divergência”. (p. 23)

Segundo a gestão da escola, a respeito dos procedimentos utilizados para mediar uma incivilidade, como “*a escola   um ambiente educacional, de forma o de cidadãos e o principal papel dela   instruir e orientar as pessoas, e não punir*”, primeiro o aluno passa por uma orienta o, advertência e supervisão pelo professor regente e pela orienta o educacional, que recomenda elaborar um diagnóstico do aluno. Caso haja reincidência, os responsáveis são convocados.

De acordo com essa equipe, um caso de indisciplina e violência deve ser solucionado

através da mediação da escola. Se, por meio dessa mediação, for descoberto que o aluno é agressivo por sofrer maus-tratos, o caso deverá ser encaminhado para o Conselho Tutelar (CT). A mesma afirma que primeiro a escola deve esgotar as possibilidades e tentar resolver junto à família. Acionar o CT apenas quando houver suspeitas de ameaça ou violação dos seus direitos. Direitos estes determinados no Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu artigo 56: “I - maus-tratos envolvendo seus alunos; II - reiteração de faltas injustificadas e de evasão escolar, esgotados os recursos escolares; III - elevados níveis de repetência”. (BRASIL, 1990, p. 21)

Como podemos observar na tabela 2, a principal forma de mediação praticada pela escola é o diálogo. Apoiando, sobretudo, em Freire (2005, p. 90), visto que “o diálogo instaura a confiança entre os seres humanos, rompe silêncios e implica um pensar crítico sobre si, a coletividade e a realidade conflituosa”, devemos utilizá-lo como principal mecanismo para que se estabeleça resoluções positivas.

Através das entrevistas, concluímos que, mediante o diálogo, a escola procura entender o comportamento do aluno, o contexto em que está inserido, tentando mostrar a criança outras saídas que não seja a violência, dando importância ao processo educativo na vida do ser humano.

Freire (2011) propõe uma educação que tenha a dialogicidade como essência da educação como prática da liberdade. Para que através do diálogo seja possível a construção de uma pedagogia ética, política e social, baseada na crítica, conscientização e liberdade, pois “o diálogo é uma exigência existencial”. A produção coletiva do conhecimento está atrelada ao desenvolvimento de um saber crítico, pois “os homens se libertam em comunhão”.

A equipe relata que não há uma regra a ser seguida para ser decidido qual providência adotar. algumas questões devem ser analisadas desde a história da criança até a gravidade do ato. Porém, o primordial não é a providência imediata e sim o que é feito depois de sequenciais incivildades. Como é explanado o tema da violência na escola? Veremos no item subsequente.

3.4 Combate e prevenção à violência escolar

Segundo Crochík (2009), para Adorno, o meio de combater a violência é através da educação, responsável por formar indivíduos democráticos. Nesse processo, intensificamos a relevância da família – primordial para a formação do sujeito – como aliada da escola nesse processo de preparação para a criticidade e cidadania.

É um grande desafio combater a violência escolar em uma comunidade em que a violência já faz parte do cotidiano. Mas, a semente que plantamos, hoje, germina e dá seus frutos. Para isso, é indispensável que toda a comunidade escolar participe efetivamente de práticas educativas cujo objetivo seja reforçar a educação doméstica e contribuir para a formação do cidadão pleno. Mas, como combater a violência que já faz parte do ambiente escolar? Os educadores entrevistados sugerem que partam do diálogo, que haja debates e conversas, que a escola mostre aos alunos que existem outras possibilidades. Pudemos perceber na fala da gestão um anseio em transformar a escola em uma atmosfera de paz e tranquilidade, fazendo da escola um ambiente em que os tire desse contexto de violência, trabalhando o imaginário e, desta forma, transformando vidas, oferecendo oportunidades, colaborando com a formação e exercício da cidadania.

Eles acrescentam algumas atividades que são importantes realizar não só na sala de aula, mas com toda a comunidade escolar, como por exemplo, projetos educacionais abordados de forma lúdica, reuniões, eventos culturais.

Porém, não basta pregar a paz, é imprescindível que seja praticada, que seja buscado meios e efetuado projetos que, realmente, integre todo o corpo escolar, a família e a sociedade.

Para se combater e prevenir a violência deve-se estar preparado. Quando o conflito ocorre no recreio, geralmente os mediadores iniciais (fiscais, porteiros, inspetor) usam gritos e ameaças para mediar o enfrentamento, pois não estão preparados para utilizar estratégias bem definidas. Constatamos aqui a necessidade de um projeto que envolva todos os integrantes da comunidade escolar para que estes possam utilizar meios eficazes e fazer diferença nesse cenário de hostilidade. Essa “solução” seria apenas uma estratégia para contribuir com um ambiente mais equilibrado, uma busca da educação de qualidade. Tendo consciência que o problema da violência escolar é bem mais amplo, pois esta é intrínseca à violência que ocorre fora dos muros da escola, portanto, um problema social.

3.5 Papel da gestão e seus desafios frente às violências escolares

A gestão de uma escola tem responsabilidades bem complexas que vão desde a administração financeira ao fazer pedagógico e sua relação com a equipe escolar e a comunidade. Segundo Luck (2010), a gestão escolar observa a escola e os problemas educacionais gerais através de uma visão estratégica que visa promover a organização,

mobilização e articulação de todas as condições necessárias para “garantir o avanço dos processos sócio educacionais” (p. 26).

A autora sobrealça a importância de uma gestão comprometida com a qualidade do ensino, uma gestão que rejeita uma direção particular e unitária e gere de forma democrática, substituindo o autoritarismo, que reinava por décadas, possibilitando a cooperação de todos que compõem o ambiente escolar. Ainda ressalta que a gestão democrática transpõe os limites da gestão burocrática, visando à possibilidade de uma administração coletiva, atendendo os compromissos sociais e políticos de coletividade. Com esse objetivo, a gestão deve dialogar com todos do espaço escolar para tomar decisões e efetivar novas práticas e saberes na escola.

Como já vimos anteriormente, a escola é um reflexo da sociedade. Sendo assim, não se pode ignorar os acontecimentos de fora de seus muros. Refletir sobre esses acontecimentos já é um desafio. No entanto, ainda, não só para a gestão, mas também para todos os atores envolvidos na escola, há um grande desafio em lidar com a violência que tem ganhado força tão intensamente.

Porém, em meio as mais variadas formas de violência que estão inseridas na escola, a gestão, como uma figura responsável em adotar uma visão estratégica, garantindo o avanço dos processos sócio educacionais, diariamente se sente desafiada e impotente frente à desvalorização da educação pela família.

Segundo Cortella (2014), a qualidade da interação da criança com sua família reflete sobre a maneira como ela se relaciona com as pessoas. Se a criança está inserida em um ambiente estável, amoroso, acarretará efeitos positivos em sua relação com o meio e o outro. Se for uma família desajustada, mal estruturada, acarreta efeitos negativos, podendo torná-la inquieta, sem interesse, sem motivação, sem criatividade e, até mesmo, agressiva.

4. CONCLUSÕES

Através dessa pesquisa foi possível analisar o quanto a violência está presente em nosso cotidiano, seja de forma estrutural ou simbólica. Na escola não é diferente e, como reflexo da sociedade, a violência faz parte do ambiente escolar e vem desafiando a gestão em busca de uma educação de qualidade.

Também observamos como nossas crianças sofrem com a banalização do mal, vivenciando violências como algo rotineiro, trivial. Como educadores não podemos permitir que nossas crianças continuem suportando esse tipo de crueldade e se tornem “seres

supérfluos”. Nossa missão está em contribuir para a construção do sujeito pleno, colaborando para que o espaço vivido na escola seja um *locus* de aquisição de conhecimentos e experiência de sentimentos, não se restringindo e propondo um trabalho pedagógico integrado, atuando em harmonia, indo para além do proposto no currículo da escola.

Dentre as análises desenvolvidas neste trabalho, observou-se que, nos últimos anos, houve um crescimento da violência devido ao descompromisso das famílias com a educação de seus filhos, tanto na educação doméstica, no sentido de assimilar as regras básicas de convivência em sociedade, quanto na educação escolar, com a parceria família-escola, para que, com enfoque no processo educativo, beneficiem a constituição do sujeito por inteiro, cidadão, autônomo, crítico, democrático.

Percebe-se que a violência da sociedade adentrou à escola de forma devastadora. Como reflexo da sociedade, a escola carrega a história de cada aluno inserido em uma população em que a violência é vista de forma tão banalizada.

Nesta pesquisa, vimos que é necessário investir no combate e prevenção da violência escolar, não somente com o corpo discente, mas com todos os funcionários da escola. Saber como mediar uma situação de conflito é primordial, para que não se caia no erro de querer cessar incivildades com incivildades. É necessário elaborar e participar de um projeto que haja comprometimento de todos os integrantes da equipe escolar, a fim de contribuir para um ambiente escolar mais harmonioso.

O primeiro ato de mediação deve partir do diálogo, assim como reforça Freire (2005), sendo este o que vai estabelecer a confiança. Cada escola apresenta seu modo de ser e de fazer. Porém, mesmo com suas peculiaridades, cada uma delas precisa ter comprometimento com a qualidade da educação e com as transformações sociais que possibilite avançar o aluno nos mais variados aspectos: social, político, intelectual e humano.

A gestão deve, necessariamente, buscar a articulação dos diferentes atores em torno de uma educação de qualidade, o que implica uma liderança democrática, capaz de interagir com todos os segmentos da comunidade escolar. A liderança requer uma formação pedagógica crítica e autônoma. Nesse sentido, o objetivo é construir “uma verdadeira educação com sensibilidade e também com destrezas para que se possa obter o máximo de contribuição e participação dos membros da comunidade”, conforme Libâneo (2004, p.102).

Visto isto, analisando os relatos em parceria com importantes autores, fica patente o grande desafio da gestão. Além do compromisso com a excelência na educação, buscando coletividade e democracia, lutar contra forças que vão além das competências da escola: a

necessidade de a família cumprir com sua função na educação de seus filhos e interagir com a escola em função da formação do cidadão.

5. REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, M. Escola e violência. Brasília: UNESCO, 2002.
- _____. Cotidiano das escolas: entre violências. Brasília: UNESCO; Observatório de Violência; Ministério da Educação, 2006.
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. Tradução de Fernando Tomaz. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1989.
- _____. Lições da aula. São Paulo: Ática, 1994.
- BRASIL. Estatuto da Criança e do Adolescente. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990.
- CORTELLA, M. S. Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes. São Paulo: Cortez, 2014.
- CROCHÍK, J. L. Educação para a resistência contra a barbárie. In: Revista Educação Especial: Adorno pensa a Educação, n. ° 10. pp. 16-25. São Paulo: Editora Segmento, 2009.
- CURY, Jorge Augusto. Pais brilhantes, professores fascinantes. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- _____. O homem mais inteligente da história. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- ESTEVES, P. S. M. A escola não é um lugar fácil... não mesmo!: bullying, não-reconhecimento da diferença e banalidade do mal. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da indignação. Cartas pedagógicas e outros escritos. 6. Ed. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.
- _____. Pedagogia do Oprimido. 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- _____. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- KRIEGER, M. A.; KASPER, B. W. Consequências do abandono afetivo. Revista Páginas de Direito, Porto Alegre, ano 15, n° 1241, 13 de maio de 2015. Disponível em: <http://www.tex.pro.br/artigos/305-artigos-mai-2015/7137-consequencias-do-bandonon-afetivo>. Acesso em: 28/09/2017.
- LIBÂNEO, J. C. Organização e gestão escolar: teoria e prática. 5. ed. Goiânia: Editora alternativa, 2004.
- LUCK, Heloísa. Concepções e processos democráticos de gestão educacional. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MINAYO, M. C. S. A violência na adolescência: em foco a adolescência descamisada. Cadernos de Saúde Pública, 6, p. 278-293. 1990.
- _____. Violência e saúde [online]. Temas em Saúde collection, 132 p. ISBN 978-85-7541-380-7. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006.
- MIRANDA, L. Pierre Bourdieu e o campo da comunicação: por uma teoria da comunicação praxiológica. ISBN 8574305421. p. 86. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2005.
- SALES, Lília Maia de Moraes. A mediação de conflitos e a pacificação social: Família, Escola e comunidade. Florianópolis: Conceito Editorial, 2007.
- SANTOS, A. C. Violência no contexto escolar: breve análise do enfrentamento da violência na escola municipal Prof.^a Eufrosina Miranda. Salvador, 2011.
- TIBA, Içami. Pais e educadores de alta performance. São Paulo: Integre Editora, 2011.